

DF - Polícia
DF - BRASILIA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL
ESTE UO NA TOI

ESTELIONATO / Justiça decreta a prisão preventiva do jovem acusado de usar cartões corporativos com gastos de luxo. Detido em um hotel de Brasília, ele foi transferido para presídio de segurança máxima, onde está o bicheiro Carlinhos Cachoeira

Golpista na Papuda

» THAÍS PARANHOS
» MANOELA ALCÂNTARA

Após o fim da farra com cartões corporativos falsificados, Douglas Augusto de Lima Santos, 21 anos, deve ficar preso enquanto não houver o desfecho do processo contra ele. A juíza da 5ª Vara Criminal de Brasília, Ana Claudia Costa Barreto, decretou, ontem, a prisão preventiva do rapaz acusado de aplicar golpes milionários no Brasil e em outros países. Douglas foi detido na quarta-feira quando tentava pagar uma suíte presidencial de um hotel de luxo da capital.

A prisão preventiva saiu em menos de 24 horas após a defesa do suspeito encaminhar à Justiça dois pedidos de liberdade provisória. Douglas estava detido no Departamento de Polícia Especializada (DPE), ao lado do Parque da Cidade, até a manhã de ontem, quando foi transferido para o Centro de Detenção Provisória (CDP), no Complexo Penitenciário da Papuda. Pela origem dos crimes, que podem ter provocado um prejuízo a pelo menos 400 empresas, num montante de R\$ 20 milhões, a direção do presídio decidiu encaminhá-lo ao Pavilhão de Segurança Máxima, mesmo local onde está Carlinhos Cachoeira, suspeito de comandar uma quadrilha do crime organizado em Goiás.

Acostumado com hotéis de luxo e viagens pelo mundo de primeira classe, Douglas estranhou a carceragem. De acordo com o advogado que o representa, Rafael Calvet Cortes, logo quando chegou ao presídio, o goiano perdeu as mechas loiras feitas no cabelo e aparenta estar deprimido. Nos três encontros que teve com o suspeito, Rafael e Douglas conversaram somente sobre o pedido de liberdade. "Ele não demonstrou arrependimento. Só disse que quer sair o mais rápido possível. A característica de estelionatários é de silêncio total. Ele não falou nada", disse o defensor.

Todos os dados fornecidos pelo rapaz ao advogado apresentam contradição. Os telefones de um possível local de trabalho e da família não conferem. Nem o nome

Fotos: TV Globo/Reprodução de vídeo



No computador de Douglas, havia fotos de viagens, como para Disney: ele pode ter dado golpe de R\$ 20 milhões

Indícios

Em sua decisão, a juíza Ana Claudia Costa Barreto explicou que, como Douglas é acusado de cometer crime de estelionato, a princípio, não ofereceria risco à ordem pública e poderia ser solto. No entanto, a magistrada decidiu mantê-lo na cadeia pelo fato de não ter informado endereço fixo e devido à possibilidade de ele fugir. Para ela, há fortes indícios de que o rapaz "está envolvido num sofisticado esquema de fraudes".

chegar o número do CPF, no Ministério da Fazenda, Rafael Cortes identificou que o nome registrado é Douglas Augusto Vidal de Lima Santos. Um sobrenome a mais do que o informado à polícia.

Apesar de o próprio suspeito informar aos investigadores que os golpes teriam sido aplicados também nos Estados Unidos, onde ele cursava a faculdade de sis-



Comprovante de pagamento com cartão corporativo em hotel: gasto de R\$ 9,4 mil

do não teme uma investigação internacional. "Não há um tratado de extradição para esses casos. No Brasil, estelionato é considerado um crime brando, diferente do que ocorre em outros países", ressaltou. Em conversa com o defensor, Douglas relatou ter iniciado os crimes cibernéticos em São Paulo, mas não mencionou quando eles teriam co-

Farra

Em uma história similar à de filmes como *Prenda-me se for capaz*, no qual o astro Leonardo DiCaprio interpretou um jovem falsificador de cheques, Douglas contou aos investigadores ter feito viagens pelo mundo sem gastar um centavo do próprio bolso. No computador de-

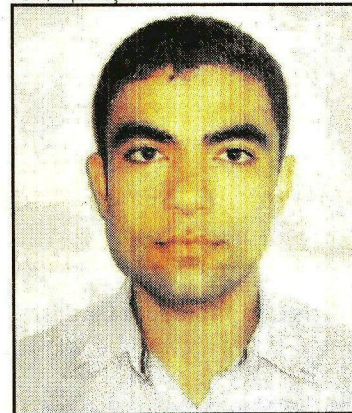
havia fotos de passeios à Disney, a países da Europa, da Ásia e da América Latina. Em uma estadia de seis meses em Dubai, ele teria gastado R\$ 8,13 milhões. Em outra ocasião, afirmou ter fretado um jatinho por US\$ 40 mil para viajar de Londres a Nova York, cidade onde morava, conforme informou à polícia.

A gastança acabou na última quarta-feira à noite no hotel de Brasília. Douglas estava na cidade para renovar o passaporte e chamou a atenção do gerente pelo excesso de gastos. Em oito dias de hospedagem, pagou mais de R\$ 11 mil em diárias, bebidas caras e festas no apartamento. A suspeita aumentou quando o rapaz pediu transferência para a suíte presidencial, cuja diária custa R\$ 8 mil. Tudo isso pago com cartão corporativo fraudado de uma multinacional. Douglas se passava por funcionário da empresa da qual havia roubado as informações. A farsa foi desfeita quando o gerente ligou para a companhia de São Paulo e o cadastro dele não existia.

Em conversa informal com a polícia, Douglas contou que mantinha uma falsa empresa com outros sete amigos dos Estados Unidos para dar os golpes. Eles modificavam o telefone das companhias originais nos documentos e quando alguém tentava checar as informações sobre o titular do cartão, a ligação caía direto no computador deles (leia quadro). Em Brasília, Douglas esqueceu de fazer a mudança. Por isso, foi preso. Ninguém da família o procurou ontem na prisão.

O caso é investigado pela 5ª DP (área central), mas a Interpol já recebeu um comunicado sobre os crimes. "Vamos apurar para verificar se há outras pessoas envolvidas e checar com as operadoras quais cartões foram fraudados e usados por ele", disse o delegado adjunto da 5ª DP, Rogério Alves Dantas. Segundo ele, o rapaz não tem passagem no DF. Pesquisa feita pelo policial em um sistema nacional apontou que Douglas responde por duas ações civis

PCDF/Reprodução



Na cadeia, rapaz perdeu as mechas loiras no cabelo

O esquema

» O suspeito de estelionato invadia e acessava o computador de grandes empresas. Quando era realizada uma compra com cartões corporativos nas máquinas, a transação era rastreada, e os números roubados, inclusive o código de segurança. Outra forma de ação era comprar as informações de outros hackers.

» Segundo o próprio suspeito, ele e mais sete amigos faziam compras e reservas em hotéis usando as informações rackeadas.

» Os dados das empresas reais, como o telefone de contato, eram substituídos por os de uma firma fictícia, nos Estados Unidos.

» O telefone informado como sendo o da empresa dona do cartão era, na verdade, um número que discava diretamente no computador de Douglas ou dos possíveis sete comparsas. Se alguém ligasse para conferir se a transação era legal, eles atendiam e confirmavam as informações.

» Os cartões corporativos funcionam de forma semelhante aos de crédito pessoais. Porém, as transações são feitas pela internet. O cartão de plástico não é usado nos planos de crédito corporativo, apenas os números e códigos que possibilitam a transação.